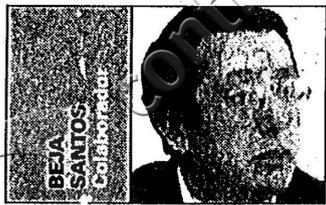




AS NECESSIDADES ESPECTACULARES

Uma visita aos "mundos comunicantes"



Na continuação da nossa visita ao Museu das Comunicações, vamos hoje percorrer a exposição permanente Mundos Comunicantes, aberta ao público desde Outubro do ano passado neste espaço, na sede da Fundação Portuguesa das Comunicações (que alberga o Museu das Comunicações e fica na Rua do Instituto Industrial, n.º 16, em Lisboa), e que tem por tema central o "Sistema das comunicações", perspectivado na relação entre o passado e o presente, antecedendo-se as promessas do futuro, em matéria de novas tecnologias da comunicação.

A exposição, que se desdobra em dois circuitos, "O sistema das comunicações" e "A evolução histórica" tem como ideia fulcral o seguinte: desde os organismos mais simples às sociedades mais complexas todos precisam de comunicar para sobreviver. Do conceito de comunicação aos seus sistemas organizados vai um passo: há que explicitar um conjunto de modalidades, serviços, organizações e tecnologias que permitem às comunidades humanas interagir, mesmo a distâncias consideráveis. Tal é o propósito desta exposição, reforçada por múltiplas estratégias interactivas e outras actividades de carácter lúdico e investigativo, que visam implicar a adesão do visitante aos vários módulos temáticos, suscitando a sua reflexão e participação.

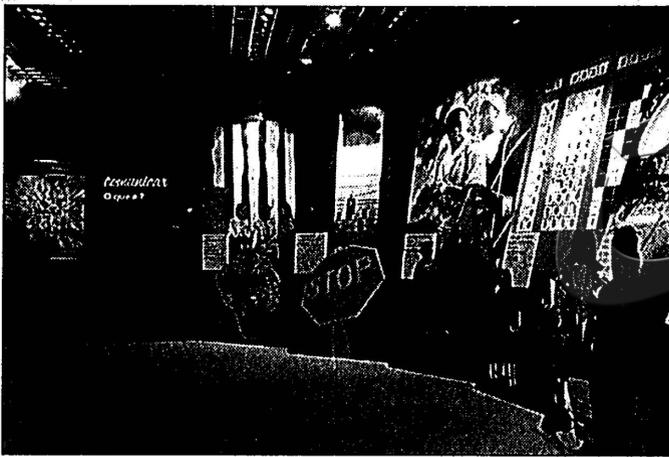
Tal como refere o guia da exposição, "o tema aborda a complexi-

dade do sistema de comunicações, verdadeiro elo de ligação do mundo dos conhecimentos e das ideias, das memórias, dos afectos, das estruturas sociais, das relações entre pessoas, povos e culturas. São as comunicações que permitem que esses mundos sejam realmente comunicantes".

Por esta razão, recomenda-se vivamente a todos os formadores e alunos uma visita atenta aos "Mundos comunicantes", no sentido de tornar mais perceptível a estrutura e complexidade da comunicação e dos sistemas de comunicação, que se articula com a cultura e desenvolvimento económico contemporâneos, numa sociedade como a nossa, altamente organizada e orientada para a produção, na qual a informação e o acesso à informação assume uma importância decisiva.

Aliás, esta temática está, como se sabe, contemplada em diversos currículos disciplinares, e é, pela sua riqueza conceptual e actualidade, passível de múltiplas abordagens nos vários níveis de ensino, pelo que a visita à exposição "Mundos comunicantes" pode constituir uma estratégia fecunda de tratamento de conteúdos programáticos de imprescindível abordagem, associados à problemática da comunicação e seus sistemas. E, além disso, coadjuvada pela exploração de novas tecnologias, como sejam os quiosques multimédia, a Internet e o visionamento de pequenos filmes, que abordam temáticas actuais, susceptíveis de alcance pedagógico.

São exemplos disso os quiosques Zoo Virtual, "Descobrir a Célula, Dicionários Interactivos, a Origem do Homem, Como as Coisas Funcionam, Enciclopédia da Ciência, Mensagens em Código, jogos de História, Geografia e Ciências da



Natureza, entre muitos outros.

Reserva-se, no entanto, uma ampla margem de intervenção por parte do docente, no sentido de uma planificação personalizada da visita, que procura atender a especificidades várias, como sejam a idade dos alunos e características das turmas em questão.

No que se refere ao primeiro circuito, que trata do sistema das comunicações, e no qual se verifica particular incidência em sistemas interactivos, temos um primeiro módulo subordinado ao tema "Comunicar: o que é?", passando, depois, aos temas "Comunicamos, conhecemo-nos", "Comunicamos, conhecemos o Mundo", "Comunicamos, vivemos em sociedade", e, por último, "Os mundos comunicantes".

Depois de uma passagem pelas novas tecnologias, o visitante depara-se com o passado das comunicações, cujos vestígios se encontram guardados em vitrinas, no circuito da evolução histórica. O correio e o seu transporte está presente em todas as épocas, a máquina a vapor, a criação do selo postal, o correio sem fronteiras, o

recurso a novas tecnologias, etc.. No domínio das telecomunicações, encontramos os primeiros passos da telegrafia, passando pela electrónica, os primeiros telefones até aos contemporâneos telefones celulares, sofisticadas infra-estruturas de fibra óptica e maquetas de foguetões para lançamento de satélites.

Trata-se, em suma, de uma exposição atractiva, quer sob ponto de vista da organização dos materiais e estruturação de itinerários, que compreendem a articulação de diversos módulos temáticos, quer sob ponto de vista científico-pedagógico, convertendo-se num espaço interactivo de pesquisa e experimentação, orientado para as escolas e público em geral, e onde se pode ter acesso a dados sobre o passado das comunicações e, simultaneamente, ficar a par das novas tecnologias do sector.

Por outro lado, convida-nos a reflectir sobre a complexidade do sistema tecnológico e científico ligado às comunicações e que, tudo conjugado, tornou possível fazer coisas tão simples e mecanizadas como falar ao telefone, ligar o televisor,

consultar bases de dados, transmitir informações e outros documentos via fax, movimentar contas bancárias à distância ou recorrendo ao cartão, etc., etc..

A exposição "Mundos comunicantes", que reúne uma colecção significativa de aparelhos e documentos à guarda da Fundação Portuguesa das Comunicações (o espólio dos CTT, da Portugal Telecom e do Instituto das Comunicações de Portugal, entidades instituidoras da Fundação das Comunicações), não deve ser vista como mero repositório de objectos e curiosidades ligados às comunicações.

É, antes, possibilitadora de uma dupla leitura: por um lado, deve ser vista como "lugar de repouso de objectos que materializaram ideias que estão ainda em curso (...)" que vão dando forma ao desejo antigo de uma possibilidade total de comunicar, sendo que, a seu tempo, os objectos que hoje protagonizam o estado actual da técnica encontrarão também neste espaço o seu lugar, ao lado de outros, tidos já por ineficientes.

Por outro lado, há que fazer a leitura dos "Mundos comunicantes" pela singularidade do percurso que propõe ao visitante. Insere-se no Museu das Comunicações, mas apela a uma reflexão sobre a necessidade de comunicar, tematizando-se a ideia de um sistema de comunicações cada vez mais global e próximo, o que passa, actualmente, pela exploração das tecnologias da comunicação, que compete dignificar no seu passado e promover no futuro.

O Museu das Comunicações está à sua espera, na Rua do Instituto Industrial, 16 (junto ao Cais do Sodré, em Lisboa). Horário: segunda a sexta, das 10 às 18 horas; e sábados, das 14 às 18 horas. Tel. (01) 3935107.

Silêncio sepulcral

EMÍLIO PERES (*)

Em Abril de 1997, convocados pela Comissão Europeia reuniram-se os maiores especialistas de nutrição, cardiologia, metabolismo e saúde pública para se debruçarem sobre as implicações do azeite e da alimentação do tipo mediterrânico na saúde dos europeus.

A Reunião de Roma terminou no maior consenso: todos concordaram que uma alimentação sadia de tipo mediterrânico, na qual o azeite é a gordura de eleição, além de promover saúde, revela-se muito eficaz para prevenir as doenças metabólicas e degenerativas crónicas que actualmente mais afectam as populações europeias e, no geral, dos países ocidentalizados ("cocacolonizados", desenvolvidos) e mais pesam nos orçamentos da saúde (leia-se, nos custos com tratamentos).

As provas avaliadas pelos especialistas confirmam que a alimentação mediterrânica, de que o azeite é a principal gordura, se opõe ao desenvolvimento de obesidade e diabetes do adulto, de hipertensão arterial e alterações do colesterol e das gorduras do sangue, e de doença coroná-

ria isquémica (ataques de coração, morte súbita, etc.) e demais manifestações de aterosclerose. E também evidenciam que esse comer sadio previne grande número de cancros e o envelhecimento antecipado e patológico.

Se a reunião se tivesse ficado pela avaliação dos prós e dos contras (não encontrou nenhum contra) da alimentação sadia já seria muito grande o seu contributo à ciência. Mas ela foi mais longe: os especialistas convocados pela Comissão Europeia, e esta só gasta dinheiro no que dá lucro ou dividendos políticos, produziram um notável (e incómodo) conjunto de orientações e recomendações aos governos da Europa e à Comissão Europeia.

As recomendações

1. Preservar a prática alimentar mediterrânica e a preferência por azeite nas regiões onde ainda subsistem e naquelas onde comecem a ser adoptadas práticas alimentares desviantes pouco saudáveis (como é o caso de Portugal).

2. Promover a alimentação de tipo mediterrânico nos países do centro e norte da Europa.

3. Encorajar a indústria e o comércio alimentares para que au-

mente na Comunidade a utilização industrial e doméstica de azeite.

4. Alterar as regulamentações europeias e de cada país (no nosso não há nenhuma) no sentido de recomendar a adopção de uma alimentação saudável pelas populações.

Se o leitor ouviu falar destas recomendações levante o braço!

Saiba que em Portugal, atender a estas disposições faria poupar anualmente mais de 100 milhões de contos em gastos com doença. E quanto bem-estar proporcionaria!

As acções propostas

1. Promover um programa educativo concertado, ou campanhas, envolvendo Governo, Ministério da Saúde, médicos, nutricionistas, educadores para a saúde, escolas, produtores e comerciantes, meios de informação e público, para tornar conhecidos, compreendidos e aceites os fundamentos e as vantagens para a saúde individual e colectiva do azeite e da alimentação sadia de tipo mediterrânico.

(Desde 1982 que continuamos, em Portugal, à espera do então prometido Programa Nacional de Educação Alimentar).

2. Disseminar mensagens simples, rigorosas e explícitas, com real eficiência educativa, através de programas escolares, de actividades escolares extracurriculares, dos serviços de saúde, de debates abertos, da publicidade de fabricantes e vendedores e dos meios de comunicação.

(O pouco que se ensinava de alimentação no 9.º ano foi substituído por algumas noções técnicas de nutrição espalhadas por vários anos de escolaridade; subsiste a carolice de alguns professores em actividades da "área escola". Nos programas da TV pública não cabe nem meia horinha semanal para educação para a saúde).

3. Desenvolver em cada país um plano próprio de acções para tornar fácil à população adoptar uma alimentação sadia de tipo mediterrânico, nomeadamente disponibilizando maiores quantidades de hortaliça, legumes, fruta e azeite.

(O que faz o Instituto Nacional de Saúde ou o Conselho Nacional de Alimentação e Nutrição, para estudar, informar, propor medidas e avaliar o estado da cadeia alimentar e da educação alimentar?).

4. Garantir, por um lado, a dis-

ponibilização acessível dos alimentos necessários, concretamente, azeite, alimentos hortícolas, fruta e pescado e, por outro, a escolha, proporcionação e utilização adequada pela indústria alimentar, pela restauração extramunicipal e pelas famílias desses alimentos.

(Qual é a nossa política agrícola? O que é a nossa política de saúde que não seja construir hospitais, regatear o preço dos medicamentos e denegrir os médicos?).

5. Levar a indústria alimentar a implantar as modificações necessárias para que os seus produtos sejam saudáveis, de acordo com investigadores, autoridades sanitárias e consumidores.

(Só a Noruega o fez à medo, no início dos anos 80; mas não pertence à U. E.).

Invoca-se Bruxelas para o que interessa aos governantes (das conclusões da reunião de Roma ninguém fala). O leitor não se indigna? Não se organiza para que o Estado cuide da sua saúde e dos seus concidadãos? Recorde que a Constituição inclui a saúde como um direito dos portugueses.

(*) Médico nutricionista